Apontamentos sobre a atuação feminina no cenário musical pelotense a partir do jornal A Alvorada

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO PROCESSOS CRIATIVOS EM MÚSICA POPULAR

Lígia Poliana de Oliveira
ligia.poliana@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar dados e reflexões referentes à atuação feminina no cenário musical pelotense sob a perspectiva dos redatores do Jornal "A Alvorada" de 1931 a 1954. A pesquisa teve como enfoque uma leitura crítica deste semanário com atenção à forma como as mulheres musicistas eram, ou não, representadas neste periódico. Para este fim, foi realizada uma varredura minuciosa em aproximadamente três décadas do impresso, num primeiro momento com ênfase no tema música em geral, e depois, especificamente na atuação da mulher na sociedade, no mercado de trabalho e como musicista propriamente.

Palavras-chave: Musicistas pelotenses. Mulheres musicistas. Jornal A Alvorada.

Appointments on the Female Actuation in the Musical Scene of Pelotas under the Perspective of the Newspaper "A Alvorada"

Abstract: The present work has as objective to present data and reflections referring to the female performance in the Pelotense music scene from the perspective of the writers of the newspaper "A Alvorada" from 1931 to 1954. The research had focus on a critical reading of this weekly periodic with attention the way the female musicians were or were not represented in this newspaper. To this end, a thorough scanning was carried out in approximately three decades of the print, at first with an emphasis on the theme of music in general, and after, specifically on the performance of women in society, in the labor market and as a musician.

Keywords: Pelotense Music. Women Musicians. Newspaper A Alvorada.

1. O jornal *A Alvorada*

A cidade de Pelotas trás em seu histórico um enriquecimento associado à produção de charque com mão de obra majoritariamente escrava (GILL; LONER, 2009). Após a abolição, os ex-escravos foram incentivados a permanecer na cidade e ajudar na sua industrialização, e, neste cenário, eles e seus descendentes conviveram com intensa discriminação e segregação social. Através da educação, algumas pessoas deste grupo obtiveram independência intelectual e algum reconhecimento social, conquistando melhores condições materiais e alguma circulação na sociedade local (SANTOS, 2003).

O jornal "A Alvorada" é fundado em 1907, por intelectuais negros que o idealizaram e dirigiram. Seu conteúdo era direcionado a comunidade negra da cidade de Pelotas e região, e tinha como objetivo auxiliar na luta contra a discriminação racial e na defesa do operariado pelotense, além de nutrir a "intenção de criar espaços de representação e sociabilidade aos negros" (SANTOS, 2003, p.23).

Parte dos exemplares deste semanário está no arquivo do Centro de Documentação e Obras Valiosas da Bibliotheca Pública Pelotense, disponível para consulta. Foi realizada a leitura deste de 1931 até 1954, sendo possível contemplar duas fases distintas do jornal em relação a posicionamentos e conteúdos. A varredura do periódico teve o intuito de mapear os modos como os redatores do jornal se articulavam em torno da música, as representações da comunidade negra, sobre a própria negritude e a mulher. Sendo assim, a metodologia utilizada neste projeto consiste em consulta ao acervo de periódicos da Biblioteca, análise do discurso dos trechos pertinentes ao tema da pesquisa e diálogo dos mesmos com o referencial teórico correspondente.

2. A música no Jornal *A Alvorada* de 1931 a 1954

O Jornal "A Alvorada" preservou seu propósito desde o surgimento em 1907, até a década de 1930 praticamente intacto. Focado em contribuir com a comunidade negra no sentido de representá-los, dar visibilidade ao grupo e incentivá-los a obter instrução e progredir socialmente, também trazia em suas páginas como ponto primordial a inserção desta comunidade na sociedade pelotense geral, pois ainda sofriam forte segregação e discriminação mesmo passadas algumas décadas do fim do período de escravidão (OLIVEIRA, 2017). Para ajudar nesta inserção, o semanário buscava transmitir uma identidade racial positiva para a comunidade negra, e esta busca por uma inserção social justa, fez o jornal elencar elementos da ideologia do branqueamento, vinculados aos comportamentos e conduta moral aceitos na época e praticados pela sociedade como um todo (DOMINGUES, 2002).

A tarefa de desvincular a imagem do indivíduo negro dos estereótipos associados a eles, que o jornal tomou para si como meta, colocou-o numa posição de fiscalizador da vida particular dos membros da comunidade negra, a fim de mantê-los agindo da forma considerada apropriada e civilizada nos padrões aceitos na época. Embora as pessoas mais atingidas com esta forma de fiscalização tenham sido naturalmente as mulheres do grupo, suas atividades e seus comportamentos, uma gama de temas foram influenciados por esta postura escolhida pelo semanário, entre eles, a música.

Os bailes, os jogos e o consumo de bebidas alcoólicas, por exemplo, eram praticas explicitamente condenadas pelo jornal, por serem consideradas atividades fúteis, que deixavam a comunidade mais distante de ser vista como civilizada, organizada e que priorizava a educação e outros hábitos aprováveis pelo meio, e mais próxima dos estereótipos negativos, já que estas ações estavam atreladas a vadiagem. Neste contexto, pode ser

observado nas páginas do "A Alvorada" da década de 1930, que o tema música deixa de ser abordado, ou não o é como algo positivo, ficando limitado a anúncios de clubes sociais como uma nota secundária, quase sem importância ou em textos com aconselhamentos direcionados a comunidade, muito comuns neste impresso, como demonstro no exemplo:

> *"Negro!*
> *Evite o samba, se quiseres evoluir.*
> *- Com pezar, vejo, que tu cada vez mais te aferras, a esse sentimento milenário.*
> *- Evita que teus filhos desenvolvam ainda mais, o que a natureza, lhes prodigalizou em larga escala.*
> *- Procura encaminha-los em cousas, em que, possam ser mais uteis a seus semelhantes." (Creoulo, 15 de janeiro de 1933, p.3)*

Neste fragmento, nota-se a rígida postura do jornal em relação a temas normalmente associados a entretenimento. Embora, neste texto, a palavra "samba" não necessariamente diga respeito ao gênero musical, podendo ser a dança ou a festa em si, a música inevitavelmente acaba entrando como parte deste todo, e assim como as demais práticas condenadas, implicitamente, ela também repousava neste local passível de condenação e repulsa.

O jornal "A Alvorada" para de circular no ano de 1935, interrupção causada pela impossibilidade de compra de materiais ocasionada pela Segunda Guerra Mundial, voltando a circular no ano de 1946, quando teria mudado de proprietário e consequentemente de foco. Ao retornar, o semanário perceptivelmente entra numa nova fase, e passa a conter novas colunas, como a de esportes, por exemplo, o volume de propagandas se multiplica, e o tema música passa a aparecer com maior frequência e imbuído de outras significações, mais positivas e em matérias mais parecidas com as de outros jornais mais tradicionais da cidade.

Nesta nova fase, o jornal que outrora não tinha fins lucrativos, volta bastante empenhado em obter lucro, e para isso, aumenta a publicidade paga, assim como o conteúdo considerado mais atrativo para a massa, e neste cenário que o tema música ganha espaço. Aparecem colunas específicas para entrevistas com músicos de Pelotas e região, cartazes de shows com músicos de outras cidades do estado, de outros lugares do país e até mesmo internacionais, textos com comentários de espetáculos, fotografias de compositores locais com algum reconhecimento, entre outras coisas, como por exemplo:

"A história de um conjunto vocal (texto de Hermani Gonzalez) Cancioneiros do Ritmo (...)" (11 de setembro de 1948, p.1)

O semanário "A Alvorada" podia ser enquadrado até a década de 1930, como parte da "imprensa de opinião" conforme caracterização de Bastide, primando por opiniões politicas apaixonadas e direcionadas a um público específico, mas é substituída pela "imprensa de informação" na nova fase, onde as motivações políticas e ideológicas não eram mais o foco (SANTOS, 2003). Tornou-se, logo, um semanário cujo conteúdo muito se assemelhava aos demais jornais em circulação nas décadas de 1940 e 1950, feito para todo e qualquer público, com menor engajamento social e político e maior ênfase em se estabelecer como um jornal comum.

3. A mulher no Jornal *A Alvorada* de 1931 a 1954

Existiu uma crença de uma natureza feminina que dotaria a mulher biologicamente para o desempenho de funções específicas, e o homem de outras, segundo Maluf e Mott (2006). Para a mulher cabiam atividades na esfera privada, que envolvia o casamento, a geração e a educação dos filhos, não existindo realizações externas possíveis para ela. Esta representação recobriu o ser mulher, tornando sua relação com as obrigações a ela incumbidas, medidas e avaliadas pelas prescrições do dever ser (MALUF; MOTT, 2006). Perpetuou-se, assim, a imagem inferiorizada da mulher perante a sociedade, já que as atividades destinadas aos homens tinham superior valorização cultural quando comparadas as atividades do lar. Assim sendo, se tornaram comuns as cobranças de comportamentos específicos para cada gênero, sobretudo na imprensa.

> Foram, porém, as camadas mais baixas da população – operários, imigrantes, mulheres pobres, mulheres sós, negros e mulatos – que tiveram o comportamento mais fiscalizado e submetido a medidas prescritiva. (MALUF; MOTT, 2006, p. 387).

Em concordância com estes apontamentos, as mulheres, no jornal "A Alvorada", eram bastante mencionadas nas colunas e matérias que objetivavam controlar os hábitos da comunidade negra pelotense. Havia no jornal, portanto, inúmeras colunas de fofoca, sobretudo na década de 1930, onde eram apontados os comportamentos julgados inadequados, inclusive citando abertamente os nomes correspondentes aos comentários, estes que vinham acompanhados de um conselho. Também eram comuns texto sobre a figura da mulher, como poesias e canções, exaltando suas características de mãe, irmã ou filha (como delicadeza, beleza e elegância), mas pouco se falava sobre os demais feitos femininos que não

os atrelados à família. Existiam também colunas que davam dicas de afazeres domésticos, diversos concursos de beleza, e raramente algum texto que, indo contra o natural da época, timidamente dissertava sobre a emancipação da mulher, ou discursos escrito por redatores do sexo masculino incentivando as mulheres a buscarem instrução, assim como os homens estavam fazendo:

> *"Quando chegará o dia, em que ao invés da mulher ostentar com pompa, seus vestidos (...) conhecimentos humanos, para conseguir sua emancipação? – Mulher que trabalha, mulher proletária, mulher três vezes escravizada, pela côr, pelo trabalho e pelo homem. Sinto sua ingenuidade infantil, com que deixas mascarar tua verdadeira situação. (...) moda, verniz da mediocridade. – Mediocridade intelectual, preocupação da moda." (Creoulo Leugim, 5 de agosto de 1934).*

Na nova fase do jornal, iniciada na década de 1940, naturalmente as colunas de fofoca diminuem, assim como a quantidade exagerada de textos reforçando estereótipos femininos. No ano de 1947 aparece uma rara referência sobre a mulher musicista em uma nota sobre a banda que animaria um baile:

> *"(...) será ritmada pelos excelentes conjuntos orquestrais Jazz Ipanema e jazz Pinto, tomando parte o violoncelo Wlademar João Carlos (o Criolo do Riso), e duas senhorinhas vocalizarão diversas novidades aos microfones da voz da Princesa do Sul, instalados no recinto da festa (...)" (23 de agosto de 1947).*

Esta passagem mostra com clareza a forma com que as mulheres eram representadas quando se tratava de uma atividade fora do universo feminino predeterminado, no mesmo anúncio em que se vê o nome completo do violoncelista, incluindo o apelido, mencionam-se as musicistas usando apenas "senhorinhas" (anônimas). No entanto, esta rara menção às mulheres musicistas no semanário, estava abrindo o caminho para muitas outras notas, anúncios, matérias e colunas que abordariam futuramente o tema "mulher musicista" com frequência e naturalidade nesta nova fase do jornal.

Na década de 1950, muitas mulheres intérpretes ficaram famosas a nível nacional e internacional, como cantoras, tornando-se as grandes musas, princesas e rainhas do rádio e da música popular brasileira. Este fato proporcionou bastante espaço na imprensa e na mídia

às mulheres musicistas deste ramo, e muitas delas apareceram no jornal "A Alvorada" em colunas de entrevistas, curiosidades e anúncios de shows, como se verifica neste fragmento entusiasmado:

> *"Heleninha Costa, hoje, em Pelotas: Pelo avião da carreira chegará hoje, às 15 horas, a cantora nacional Heleninha Costa, exclusiva da rádio Nacional, do Rio de Janeiro, contratada especialmente pelo Clube Caixeiral, para abrilhantar a reunião dansante (...) presença da cantora do bolero <<Afina>>, ao baião <<Serenata>>, do samba <<Barracão>>, e outros números de grande repercussão: Heleninha Costa" (30 de maio de 1953, p.5).*

Nesta década as mulheres já dispunham de um espaço muito maior no semanário em relação às outras décadas estudadas, e isso não se deu somente ao fato do jornal ter mudado seus objetivos com os novos proprietários, mas também por que no decorrer dessas três décadas o movimento feminista expandiu muito, e, consequentemente, a relação da sociedade em relação à aceitação das mulheres em outros espaços que não seus próprios lares e suas demandas correspondentes.

Os temas, posicionamentos e objetivos do "A Alvorada" foram mudando à medida que dialogava com o que estava acontecendo no país em relação a transformações nos meios de comunicação, mudanças no discurso dominante a respeito de questões raciais e de gênero, entre outras questões, tais como política, discussões sobre identidade nacional e etc. Nota-se, que a mulher ganha novos espaços dentro da imprensa pelotense, assim como o tema música em geral, que começa a se desvincular lentamente dos estereótipos de gênero, e etnia, respectivamente.

Refletir e escrever sobre parte da história da comunidade pelotense, neste caso a relacionada à música, se faz importante no que se refere a tornar a história da cidade mais fiel e completa, dando justo espaço a outros segmentos sociais menos visíveis na historiografia. Ainda há muito que ser feito neste sentido, mas aos poucos a história vai se tornando completa e contemplando as várias perspectivas possíveis numa sociedade tão diversa.

Referências:

DOMINGUES, Petrônio José. *Negros de almas brancas?* A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, n.3, p. 563-599, 2002.

GILL, Lorena Almeida; LONER, Beatriz Ana. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. *Estudos Ibero-Americanos*, Pelotas, v.35, n.1, p.145-162, jan./jun. 2009.

OLIVEIRA, Ângela Pereira. *A racialização nas entrelinhas da imprensa negra*: O caso O Exemplo e A Alvorada. Pelotas, 2017. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

SANTOS, José Antônio dos. *Raiou a Alvorada*: intelectuais negros e imprensa - Pelotas 1907-1957. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2003.

SEVCENKO, Nicolau (org); MALUF, M.; MOTT, M. L. *História da vida privada no Brasil – República*: da Belle Époque à Era do Rádio. Coleção, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.